

# A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE

Cristã no Século IV

MARIANA DE MATOS PONTE RAIMUNDO\*

## RESUMO

O século IV se apresenta como um momento decisivo para o cristianismo, para a Igreja e para o Império Romano. Nesse contexto, a institucionalização do cristianismo e a consolidação de uma identidade cristã envolvem tensões, mas também afinidades eletivas; são diversos os processos político-administrativos, culturais e religiosos presentes nessa conjuntura. A proposta desse artigo – elaborado a partir da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Ciência da Religião – é inter-relacionar esses processos que possivelmente favoreceram a emergência de um cristianismo institucionalizado. Indicar-se-á ainda que a consolidação de uma identidade cristã está intimamente relacionada à existência de uma religiosidade tardo-antiga com características comuns ao cristianismo e que o fortalecimento das estruturas eclesiais contribuiu para a hegemonia de uma identidade cristã dentre as diversas correntes cristãs constituídas ao longo dos três séculos anteriores.

**Palavras-chave:** Identidade Cristã; Império Romano; Expansão.

## ABSTRACT

The 4th century presents itself as a decisive moment for the Christianity, to the Church and to the Roman Empire. In this context, the institutionalization of Christianity and the consolidation of a Christian identity involve tensions, but also elective affinities; there are several political and administrative processes, cultural and religious existing at this juncture. The proposal of this article – elaborate from the research developed in the postgraduate in Science of Religion – is interrelate these processes that may have favored the emergence of an institutionalized Christianity. Will indicate that the consolidation of a Christian identity is closely related to the existence of late-ancient religiosity with characteristics common to Christianity and that the strengthening of ecclesiastical structures contributed to the hegemony of a Christian identity among the various Christian currents formed over the previous three centuries.

**Keywords:** Christian Identity. The Roman Empire. Expansion.

\*Doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestrado em Ciência da Religião (UFJF). Especialização em História Contemporânea (UCAM). Licenciatura em História (UCP). E-mail: marianamatospr@hotmail.com.

---

---

## Introdução

Ao considerar a consolidação da identidade cristã no século IV, é necessário esclarecer alguns conceitos e conteúdos que permeiam o recorte histórico-social-político-religioso em questão. Ainda que de forma limitada, é preciso contextualizar as tradições, o desenvolvimento, as tensões e as transformações dos cristianismos e das identidades cristãs presentes no Império Romano até o quarto século. Igualmente, essas retomadas servirão, ainda, para elucidar a corrente do cristianismo evidenciada por este artigo, ou seja, aquela que ao findar o século IV foi considerada oficial e universal, ao mesmo tempo em que proporcionará esclarecimentos sobre os processos pertinentes às formações das identidades cristãs no contexto político do Império Romano até o século IV.

O primeiro conceito a ser considerado é identidade; o esclarecimento do uso desse termo contribuirá para uma análise da experiência histórica dos cristãos dos quatro primeiros séculos – ainda que de forma limitada – na construção de novas formas de viver e de se relacionar com os outros, com o Império e com as próprias questões religiosas. Destacar-se-á o modo como a enunciação da diferença contribuiu, sobremaneira, para a construção da(s) identidade(s) cristã(s).

A identidade é tanto simbólica quanto social, assim sendo, a identidade é marcada pela diferença, envolvendo manifestações sobre quem pertence e quem não pertence àquele grupo. De acordo com Woodward, “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições. A marcação da diferença é assim a componente central em qualquer sistema de classificação”. E ainda, “a identidade depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade, que fornece condições para que ela exista”.<sup>1</sup>

É importante, portanto, compreender a construção da identidade como um processo de interação social através do qual se classifica e define o outro de forma simbólica e recorrente, não sendo uma propriedade independente, estável e intrínseca de um indivíduo ou de um grupo.

Woodward e Silva<sup>2</sup> consideram que a própria definição de identidade só pode ser completada no conceito de diferença, uma vez que toda identidade se estabelece na definição do que ela não é. Certamente, essa diferença não pode ser mantida por outra forma que não a exclusão; desse pressuposto, já fazem parte, inclusive, a análise das relações sociais vividas num contexto cultural específico. No âmago das relações sociais e de poder, as identidades assumem o papel de incluir ou de excluir, estabelecendo fronteiras entre o “nós” e os outros; classificando e organizando o mundo social e grupos, além de hierarquizá-los à medida que lhes confere diferentes valores.<sup>3</sup>

Nessa perspectiva, tanto identidade quanto diferença são categorias resultantes de um processo de produção simbólica e discursiva, no qual se fazem presentes as relações de poder. Para Hall<sup>4</sup>, “as identidades são construídas dentro do discurso, produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

A identidade é, então, marcada pela diferença, a busca de uma unidade cristã enfatiza a coletividade e a diferenciação entre cristãos e pagãos, principalmente. Mesmo assim, ao longo dos primeiros séculos do desenvolvimento do cristianismo, a

---

1 WOODWARD, K. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009, p.9 e 41.

2 SILVA, *op.cit.*

3 SILVA, T. T. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, *op.cit.*, p.82.

4 HALL, S. “Quem precisa de identidade?” In: SILVA, T.T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *op.cit.*, p.109.

heterogeneidade era marca dos cristãos. Diversas comunidades espalhadas por todo o Império interpretavam e vivenciavam a experiência cristã de formas diversas. Cada comunidade cristã constrói sua própria cultura, assim como formas próprias e diferentes de classificar o mundo. É através da construção de sistemas simbólicos que a cultura fornece meios para a construção de significados e sentidos do mundo social, são esses sistemas que possibilitam a diferenciação de cada identidade cristã. “As culturas fornecem sistemas classificatórios estabelecendo fronteiras simbólicas entre o que está incluído e o que está excluído, definindo, assim, o que constitui uma prática culturalmente aceita ou não”.<sup>5</sup>

Como procedeu do judaísmo e se desenvolveu em ambientes greco-romanos, o cristianismo assimilou, integrou e reinterpretou muitos elementos e categoria de pensamento desses sistemas socioculturais, assim ao mesmo tempo em que esse processo significou uma abertura à diversidade na construção da(s) identidade(s) cristã(s), também gerou conflitos e tensões no próprio âmbito cristão – com destaque para o surgimento de diversas tendências de interpretação da mensagem cristã, que a partir do século IV passaram a ser consideradas heresias – e no ambiente externo – a interação cristã com o mundo romano nem sempre foi pacífica, já que gerou diversas reações entre os praticantes das antigas religiões pagãs.

Se por um lado a consolidação da identidade cristã no século IV decorre de suas construções doutrinárias e por sua resistência aos embates com o Império pagão, por outro lado, é necessário compreender as estruturas socio-históricas que no limiar do quarto século – além do papel político desempenhado por Imperadores, com destaque para Constantino – permitiram que o cristianismo fortalecesse sua organização interna e desenvolvesse fortes relações com o poder imperial. Nesse ínterim, deve-se considerar a própria situação do Império Romano, que acabou por remodelar o ambiente religioso na Antiguidade Tardia.

A organização interna do cristianismo passa não apenas por sua institucionalização como Igreja e por sua conseqüente hierarquização, mas também pelo esforço dos intelectuais cristãos para legitimar a religião e adaptá-la às novas necessidades e aos antigos hábitos da população. Isolados, esses elementos e movimentos não possibilitaram a consolidação da identidade cristã, mas combinados possibilitaram a penetração do cristianismo na sociedade romana e o estreitamento das relações com o poder imperial.

Como levantou Cruz, o que ocorre neste momento não é a reorganização da identidade antiga, mas “o surgimento, a partir de novos parâmetros e partilhas, de uma nova identidade”.<sup>6</sup>

### Pluralidade e unidade no cristianismo dos primeiros séculos

Ainda que se fale de cristianismo ou de identidade cristã no singular, é preciso reconhecer a pluralidade existente nos primeiros séculos. Primeiramente, é difícil demarcar os limites entre o cristianismo e sua religião materna judaica, por outro lado, a linguagem simbólica da gnose e o radicalismo ético também se apresentam como correntes cristãs. Entretanto, havia muitos outros grupos de cristãos cuja convivência nem sempre era pacífica, gerando tensões, conflitos<sup>7</sup> e principalmente disputas em torno de uma interpretação legítima da mensagem de

5 WOODWARD, *op.cit.*, p.49.

6 CRUZ, M. “O ser cristão e o triunfo da Igreja”. ANPUH - XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, p.2.

7 Izidoro cita a Guerra Judaica (64 d.C.), a morte de Pedro, Paulo, João (43 a.C.), a eliminação de vários grupos sociais e religiosos, a expulsão dos cristãos da sinagoga, a formação das diásporas cristãs helênicas e a consolidação do judaísmo rabínico com parte desse movimento de conflitos e tensões que exerceram importante papel nas relações internas e externas na formação e desenvolvimento do cristianismo. IZIDORO, José Luiz. “Interação, conflitos e desafios na identidade do cristianismo primitivo”. *Revista Brasileira de História das Religiões*. n. 1, ano 1, 2008, p. 64-75. (Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligioa/pdf/07%20Jose%20>

---

Jesus Cristo. Theissen divide o cristianismo primitivo antes da formação do cânon em partidos, a saber: judeu-cristianismo, cristianismo sinótico, paulino, joanino e o cristianismo gnóstico.<sup>8</sup>

De fato, é evidente que o imaginário mágico-religioso<sup>9</sup> do cristianismo primitivo trazia consigo diversos paralelos com outras formas de manifestação do imaginário em geral, principalmente o judaico e o pagão. Principalmente em nível popular, diversos elementos pertencentes ao âmbito extra cristão, ao invés de serem eliminados, foram simplesmente transformados, absorvidos e assimilados às formas de culto populares, influenciando até mesmo as formas normativas da vida cristã.

Para analisar, então, o cristianismo antigo sob esta ótica, deve-se perceber que inicialmente o movimento era fundado na autoridade oral, e dentro de uma cultura oral. Tradições populares, caracterizadas pela oralidade, são elementos constantes de todas as culturas e se modificam de acordo com a imaginação individual ou coletiva. Na fase oral das tradições cristãs antigas foram criadas diversas concepções e histórias sobre Jesus, muitas procedentes da imaginação popular e não da memória recebida. O período oral das próprias tradições de Jesus foi o bastante para que várias lendas e acréscimos se desenvolvessem na tradição popular sobre sua imagem, que acabou se tornando uma imagem de culto elaborada pela imaginação coletiva.<sup>10</sup>

Como já foi dito, nos primórdios do cristianismo a diversidade era frequente e com tendências variadas. O cristianismo inicial era formado por uma rede complexa de partidos, grupos, seitas ou denominações, além disso, haviam as diferenças culturais, sociais, tradições teológicas quanto à importância de Jesus. Tudo isso refletia as diferentes filosofias e sistemas simbólicos, sob os quais, os autores poderiam basear seu pensamento religioso.<sup>11</sup>

Um dos primeiros conflitos internos do cristianismo ocorreu entre cristãos de tendência judaica e cristãos de tendência helênica.<sup>12</sup> Os cristãos helenistas criticavam o templo, instituição central do judaísmo. Por esse motivo seu líder, Estevão, morre apedrejado e os demais passam a ser perseguidos. Por conta dessa perseguição ocorre mais uma divisão de correntes, alguns empreendem a campanha missionária entre as cidades litorâneas greco-palestinas e outros fundam a comunidade de Antioquia, que incluía gentio-cristãos. Da acolhida aos gentios, surge o novo conflito entre os cristãos, a necessidade ou não da circuncisão para os novos convertidos, discutida durante o Concílio dos Apóstolos<sup>13</sup>, no qual se distinguem dois partidos: “de um lado as três colunas de Jerusalém: Tiago, Pedro e João (...); por outro lado, Paulo e Barnabé ([...] delegados da comunidade antioquena)”<sup>14</sup>. Posteriormente, as práticas alimentares, já discutidas no Concílio dos Apóstolos, em Jerusalém, passam a ser ponto de divergência. No centro da discussão, Pedro e Barnabé que por um lado tomam refeição com os gentio-cristãos em Antioquia, e por isso se afastam do judeu-cristianismo radical de Tiago, mas nem de longe se aproximam das ideias de

---

Luiz%20Zidoro.pdf)

8 THEISSEN, G. *A religião dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulinas, 2009, p.338.

9 Lima Junior considera que o imaginário presente no cristianismo primitivo foi em muito adaptado do imaginário religioso pagão, cuja relação entre deuses e homens era estreita. LIMA JR., F. C. V. “Circularidade cultural e resistência simbólica no cristianismo primitivo”, *Revista Espaço Acadêmico*, n. 102, nov. 2009, p.124-133.

10 Interessante verificar como essa construção do “mito” em torno de Jesus e de sua mensagem como fator importante para a construção da identidade das comunidades que surgiam.

11 Cf. THEISSEN, *op.cit.*

12 Na ausência de outras fontes, estudiosos, como Theissen, aceitam as narrativas provenientes do cristianismo antigo como base para considerar os conflitos entre cristãos nos primeiros séculos. Entende-se, contudo, que esses textos em si não são evidências seguras da historicidade dos fatos.

13 Theissen relaciona o Concílio dos Apóstolos com os relatos bíblicos de Gálatas 2, 1ss e Atos 15, 1ss. THEISSEN, *op.cit.*

14 THEISSEN, *op.cit.*, p.344.

Paulo, para quem a comensalidade deve ser obrigatória. A divergência acaba criando mais subdivisões entre os cristãos, “entre o estrito judeu-cristianismo (...) e o paulinismo, torna-se visível uma terceira corrente intermediária: uma conjunção de judeu-cristãos ‘hebreus’ moderados, como Pedro, e moderados judeu-cristãos ‘helenistas’, como Barnabé”.<sup>15</sup>

Theissen destaca ainda a existência de duas heranças paulinas: uma “de esquerda”, mas que também possui muitos traços conservadores, e outra “jurídica”<sup>16</sup>. Para além do judeu-cristianismo, que teve em Tiago uma figura decisiva em Jerusalém, destaque-se também a existência de um cristianismo sinótico, formado pela combinação de elementos gentílicos e judaicos e um cristianismo joanino, relacionado com os helenistas missionários em Samaria.

O próprio judeu-cristianismo também apresentou diferentes correntes ao longo dos dois primeiros séculos, como o milenarismo, que se baseava em uma tradição religiosa de cunho escatológico ou apocalíptico e, por conseguinte o Apocalipse, com a crença do julgamento final. Diversos grupos de judeu-cristãos seguiam seus próprios evangelhos: o evangelho dos ebionitas mantinha a fidelidade à lei mosaica e negava o nascimento virginal de Jesus; o evangelho dos nazarenos, cuja aproximação com o evangelho de Mateus é notória, era utilizado por uma comunidade na Ásia; na mesma perspectiva, o evangelho dos hebreus pertencia a uma comunidade egípcia.

No século IV, quando o cânon foi definido, passou-se a utilizar o termo “apócrifos”<sup>17</sup> para denominar muitos desses textos que não foram incorporados ao cânon pela Igreja; os motivos são variados, mas, o fato é que a fixação do cânon contribuiu para destacar uma identidade cristã em detrimento de outras tantas que se desenvolveram ao longo dos três primeiros séculos.

Já o cristianismo gnóstico esteve presente em diversos grupos, como por exemplo, os simonianos, fibionitas e os bardesianos, que tinham por denominador comum a gnosis. Os gnósticos representam a principal oposição ao judeu-cristianismo, pois se opunham radicalmente ao Antigo Testamento. Aproximavam-se dos cultos de mistério pagãos e do sincretismo filosófico do segundo século. O marcionismo reunia elementos tradicionais do cristianismo paulino, ao mesmo tempo em que utilizava diversas noções gnósticas, como o dualismo e o docetismo cristológico.<sup>18</sup>

Diante de tantos escritos que apareceram no Império Romano, devido à facilidade de locomoção dos fiéis de uma cidade para outra, os líderes de comunidades elaboraram seus próprios escritos, que eram aceitos ou não em outras comunidades.

Aos poucos, o cristianismo passava de um movimento oral para um movimento dependente da autoridade de textos escritos. A partir do século II, a confiança passou para os textos até se tornar um cânon fixo. Por volta do ano 200, no Império Romano, havia uma variedade de cânones, que refletiam os costumes locais. A redação dos Evangelhos bíblicos se deu numa etapa mais avançada da história do cristianismo antigo, em que os cristãos requeriam autonomia para sua construção semiótica, e seu intuito era oficializar as tradições populares recebidas e que mais tarde se tornaram o núcleo da fé cristã ocidental.

15 *Idem*, p.346.

16 O paulinismo de “esquerda” representa “uma escatologia realizada e uma eclesiologia-do-corpo-de Cristo característica que distingue entre a cabeça e o corpo, mas que conserva firmemente o alto valor de cada membro”, já o paulinismo “jurídico” caracteriza-se pela ausência da eclesiologia-do-corpo-de-Cristo e pela rejeição da vinda próxima. THEISSEN, *op.cit.*, p.347.

17 “O termo apócrifo, na antiguidade, era atribuído a livros cujo acesso era reservado aos iniciados ou que não se deviam ler em público”. JUNOD, E. Apócrifos. In: LACOSTE, J.Y. (ed.) *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p.167.

18 Sobre o marcionismo cf. SIMON, M. & BENOIT, A. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Pioneira; Editora USP, 1987, p.154-157.

---

---

No século III, ainda tiveram destaque outras duas correntes: o maniqueísmo e o montanhismo. O maniqueísmo era uma doutrina filosófica baseada em um dualismo ontológico-materialista que divide o mundo entre Bem e Mal, seu fundador foi o sábio persa Mani. Segundo Asmussen, “a vida da comunidade maniqueia está centrada neste ponto cardinal: libertar a luz que se acha presa na matéria; tudo que se julga dessa perspectiva. Qualquer obra que facilite essa ação será boa e, quando signifique um obstáculo, será má. Esse é o índice que orienta o culto, ao mesmo tempo em que constitui a base da moral”.<sup>19</sup> O montanhismo como movimento profético, fundado por Montano, tinha como principal proposta renovar o cristianismo e retomar “as realidades pneumáticas e escatológicas dos primeiros tempos”.<sup>20</sup>

Uma das maiores controvérsias entre os cristãos dos primeiros séculos que se prorrogou até o quarto século dizia respeito à natureza de Jesus e de sua divindade. Os adocionistas<sup>21</sup> acreditavam que os evangelhos de João e de Marcos indicavam que através do batismo o homem Jesus se uniu ao Espírito de Deus; já os adeptos do docetismo<sup>22</sup> consideravam que Jesus não possuía um corpo real, mas aparente, pois sua divindade não podia se misturar com aquilo que perece (o corpo/a carne). O monarquianismo de Práxeas defendia a encarnação de Deus em Jesus. A questão perdurou até o Concílio de Niceia que conclui que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram uma única substância e três pessoas, ainda que não tenha encerrado totalmente a discussão.<sup>23</sup>

Aquela que foi apontada como grande disputa do século IV em torno da questão trinitária foi suscitada por Ário, ex-sacerdote de Alexandria; sua doutrina, o arianismo, indicava que Deus, sendo único e indivisível, não compartilhava sua essência nem mesmo com o Filho. Assim, o Filho pertenceria à ordem da criação. O arianismo foi considerado heresia e condenado no Concílio de Niceia.<sup>24</sup> Entretanto, não desapareceu, estabelecendo-se posteriormente entre as monarquias góticas europeias.

Ao longo dos quatro primeiros séculos surgiram diversas outras correntes no cristianismo<sup>25</sup> – algumas serão evidenciadas ao longo deste estudo, outras não serão tratadas por não terem relevância para o presente estudo – à medida que a Igreja se formava como instituição e organizava sua estrutura, muitas passaram a ser consideradas heresias e foram combatidas. Essas breves considerações não pretendem, nem de longe, esgotar a diversidade existente no interior do cristianismo dos primeiros séculos ou mesmo as diferenciações teológico-doutrinárias de cada uma das correntes. Busca-se evidenciar que o presente estudo se refere à corrente do cristianismo que caminhou para a oficialidade no século IV, mas consciente da existência das demais.

Ainda que fiquem evidentes os afastamentos entre as diversas correntes do cristianismo, também é possível perceber muitas aproximações, a ala gentio-cristã, representada pelos textos de Marcos e Lucas, “aproxima-se indiscutivelmente do cristianismo paulino”<sup>26</sup> e assim por diante. Exatamente por esse motivo, o presente trabalho opta por

---

19 ASMUSSEN, J. P. “Maniqueísmo”. In: Bleeker, C. J. & Widengren, G. (org). *Historia religionum: manual de historia de las religiones - vol. I: religiones do passado*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1973.

20 SIMON, & BENOIT, *op.cit.*, p. 157.

21 Visão teológica do cristianismo que defendia o nascimento de Jesus como ser humano e sua adoção por Deus após o batismo. Cf. SIMON & BENOIT, *op.cit.*

22 Corrente de pensamento anterior ao gnosticismo que professava que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Cf. SIMON & BENOIT, *op.cit.*

23 Cf. SIMON & BENOIT, *op.cit.*, p.154-157.

24 Cf. RAIMUNDO, MMP. *A Virada Constantiniana e a Consolidação da Identidade Cristã no Século IV: uma análise sócio-histórica* (Dissertação de Mestrado). Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2013.

25 Cf. SIMON & BENOIT, *op.cit.*

26 THEISSEN, *op.cit.*, p.350. No texto do qual foi retirada a citação também é possível encontrar outros tantos exemplos dessa aproximação.

continuar usando os termos singulares cristianismo e identidade cristã, pois apesar da evidente diversidade, houve desde os primórdios da história cristã tentativas de conciliação das diferentes correntes e o esforço principal de diferenciar os cristãos dos pagãos.

### Mito e revelação: interfaces e rivalidades entre o mundo cristão e o Império pagão

A consolidação da identidade cristã ocorre no século IV devido à capacidade dessa religião de ter resistido e superado as pressões do Império, ao mesmo tempo em que se reconhecia como herdeira das Escrituras e da Revelação em oposição à estrutura pagã. Segundo Silva, esse processo de superação do paganismo significa “atribuir à identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa, sendo ela considerada a única identidade”.<sup>27</sup>

O advento do cristianismo está relacionado a Jesus de Nazaré, que viveu no contexto social, político e religioso do judaísmo helenizado.<sup>28</sup> Suas obras, vistas por seus seguidores como milagrosas, e suas pregações – cuja característica principal era o amor incondicional a um deus único e ao próximo – se refletiram de tal modo na religiosidade<sup>29</sup> desse contexto, que, mesmo após sua morte, alguns começaram a lhe atribuir a condição de Messias, ou seja, daquele que viria para libertar o povo judeu.

O cristianismo procedeu do judaísmo, mas ganhou contornos próprios, implantando-se e desenvolvendo-se em contexto e ambiente de dominação política do Império Romano e da cultura greco-romana. Na perspectiva de alguns autores, é inegável que a unidade política estabelecida e o desenvolvimento alcançado por Roma contribuiu decisivamente para a difusão do cristianismo entre inúmeros povos, diferentes entre si pela raça, pela língua, pelas tradições, mas unidos pelo denominador comum da Romanização.<sup>30</sup> Mas, seu rápido avanço foi favorecido, também, pelo desespero dos pobres, camponeses e escravos subjugados e explorados pelas forças romanas.<sup>31</sup> O cristianismo oferecia a essas

27 SILVA, *op.cit.*, p.83.

28 CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo, Helenismo: Ensaio sobre Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

29 “A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos”. MANOEL, I. “História, Religião e Religiosidade”. *Revista Brasileira de História das Religiões*. n. 1, ano I, 2008, p. 19. (Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20van%20Ap.%20Manoel.pdf>)

30 expandindo-se pelo mundo conhecido. Já estava o Império Romano em toda a sua extensão, com a Pax Romana, a sua organização, as suas excelentes vias de comunicação, pronto a ser a talagarça propícia ao bordado de um Cristianismo nascente”. LINDBERG, C. *Uma breve história do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2008, p.2. VERDETE, Carlos. *História da Igreja*. vol. I. São Paulo: Paulus, 2009, p. 77.

31 A Galileia, região norte da Palestina, foi o local em que o cristianismo foi germinado no século I. Os galileus, entre os quais esse acontecimento ocorreu, eram, em sua maioria, camponeses que viviam em aldeias e, que décadas antes, vivenciaram uma significativa mudança de caráter político e que, desde então, tiveram suas vidas transformadas pelo modo de dominação imposta pelo Império Romano, baseado na opressão e na extorsão. Era o controle militar em centros urbanos nas províncias que garantia a unidade política do Império, os camponeses além de serem explorados, perdiam seus excedentes agrícolas, suas terras e, sobretudo, sua dignidade. Cf. CROSSAN, J. D. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas. 2004. Nesse contexto sucedeu o aparecimento de Jesus de Nazaré que – muitas vezes identificado com as vítimas pauperizadas da política romana, já que segundo os relatos (Mc 6, 3; Mt 13, 55), ele desempenhava alguma atividade profissional como artesão –, conquista seguidores através de um discurso de reestruturação da sociedade igualitária. Os camponeses galileus que, outrora, foram marginalizados pelo poder imperial, encontram na figura e nas pregações de Jesus a esperança de uma alteração da ordem instituída. Nesse sentido, Velasco esclarece que “Jesus se coloca fora do sistema, do esquema religioso e social de seu povo e, por isso mesmo, se põe ao lado das multidões que aguentavam o peso de uma religião alienada e do poder opressor do Império. Isso implicava para Jesus tomar, desde o começo, o partido de uma classe de gente, contra outras classes, como a única possível forma de se dirigir verdadeiramente a todos na perspectiva do reino”. VELASCO, R. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.26.

---

---

populações uma nova forma de idealizar e de construir uma representação da realidade.

O caráter universalista do cristianismo<sup>32</sup>, que abrigava em seu interior humildes e poderosos, e pregava a igualdade de todos perante o único Deus, constituiu, sem dúvida, um fator de união e de resistência aos perigos e ameaças, lançando os alicerces de uma nova sociedade, ensinando a origem comum de todos os homens.<sup>33</sup> Inúmeras religiões existentes na época, desde as greco-romanas a, até mesmo, algumas orientais, pretendiam, assim como o cristianismo, apresentar uma mensagem de salvação e de imortalidade, mas nada havia nelas que se assemelhasse à caridade cristã pregada com tanta ênfase por Paulo de Tarso.<sup>34</sup>

Apesar do radicalismo monoteísta do cristianismo ser antagônico à *pax deorum*<sup>35</sup>, o século II foi marcado por grande indiferença dos Imperadores com relação a isso. Entretanto para os pagãos, o cristianismo representava uma grande ameaça à estabilidade do Império, ideia fortalecida ao longo do século III, quando os cristãos passaram a se recusar a participar dos ritos públicos em honra do Imperador. Para Veyne, a repulsa dos romanos aos cristãos deve-se a aversão a tudo “que era híbrido, impuro e ambíguo”<sup>36</sup>, já que, “os cristãos faziam parte do Império, mas sem os mesmos costumes: evitavam conviver com os outros, não participavam das festas ou dos espetáculos, não veneravam os deuses nacionais, seu Deus não pertencia a determinada nação, diferente do deus dos judeus”.<sup>37</sup>

Como são evidentes os conflitos e embates ocorridos entre os cristãos e o Império pagão, seja em questões políticas ou cotidianas, também são perceptíveis as interfaces entre os dois mundos. Assim, um dos principais pontos de contato do cristianismo com o paganismo – helênico ou romano – diz respeito ao fato de figuras importantes, que têm a missão de atuar como salvadores ou pacificadores, serem concebidas da relação entre deus(es) e ser(es) humano(s)<sup>38</sup>. Essa concepção associada à ideia da ressurreição constitui o mito base do cristianismo.<sup>39</sup>

As interfaces ou interações culturais entre cristianismo e paganismo não se resumem apenas a construção do mito dos salvadores e sua concepção divina. Entre cristãos e pagãos, frequentemente, encontram-se narrativas sobre a infância dessas figuras míticas.<sup>40</sup> Da mesma forma, a fé na divindade de Jesus procede da crença em sua realidade histórica e dos feitos a ele atribuídos. A revelação, contudo, dá-se no testemunho de sua filiação divina, Deus é a própria revelação ocorrida através de Jesus.

---

32 Aquela corrente do cristianismo que se tornou hegemônica. Esse caráter provocou tensões entre as correntes do cristianismo e afetou a construção das identidades cristãs.

33 Entretanto, não se ignora o fato de que algumas das religiões politeístas também afirmavam uma origem comum a todos: no helenismo, o mito de Prometeu, na mesopotâmia, o Enuma Elish e, no próprio judaísmo, religião monoteísta, o mito duplo do Gênesis.

34 Cf. CRUZ, *op.cit.*, p. 1-10.

35 A *pax deorum* refere-se à tolerância de todas as religiões, que habitualmente regia as relações religiosas no Império Romano.

36 VEYNE, P. *O Império Greco Romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 245.

37 *Idem*, p.246

38 Nas palavras de Crossan “Segundo Lc 1, 26-38, o cristianismo disse que Jesus nasceu de Maria e do Espírito Santo, de mão humana e pai divino. O paganismo não contestou que isso era bastante improvável. Afinal de contas, os pagãos sabiam do nascimento de Enéias, de mãe divina e pai humano. A afirmação que Augusto em pessoa foi concebido de pai divino e mãe humana era mais conhecida. Ácia passou a noite no templo de Apolo, o deus visitou-a disfarçado de serpente e no décimo depois disso Augusto nasceu e foi, portanto considerado filho de Apolo”. CROSSAN, *op.cit.*, p. 26.

39 Cf. THEISSEN, *op.cit.*, p. 43-65.

40 “Dionísio que é atraído pelos titãs com brinquedos e objetos religiosos e as narrativas da infância de Jesus que é perdido pelos seus pais e aparece no templo dialogando com os doutores da lei, nos mostra uma interface entre cristianismo e paganismo que nossos olhos não estão acostumados a enxergar”. BARROSO, A. & ALONSO, A. C. C. “Religiões Comparadas: Produções originais ou interações culturais?”, *Revista Jesus Histórico*. 2009, p. 6. (Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos2/andre.barroso.ana.carolina.caldeira.alonso.pdf>)

Na trajetória do povo hebreu, mito e história já haviam sido unificados em uma experiência: a aliança firmada entre Deus e o povo. E, assim, o povo se relaciona com esse Deus de forma pessoal e cotidiana, relação que se evidencia em todos os aspectos da vida individual ou coletiva. O cristianismo se afirma como revelação desta mesma relação com Deus, não mais através da natureza – a sarça ardente ou o solo sagrado – ou de leis – as tábuas dos mandamentos – mas sim, através do próprio divino na figura do ser humano. Como tratou Veyne, enquanto o cristianismo dominava todos os âmbitos da vida cotidiana, o paganismo não o fazia, “por isso ser cristão se torna e permanecerá sendo a identidade dos fiéis”.<sup>41</sup>

Imerso no mundo romano, o cristianismo passou por momentos de paz e de perseguições. Gibbon descreveu com detalhes as dificuldades que enfrentavam os primeiros cristãos que desejavam manter a sua fé pura – não cultuando os deuses romanos e/ou o Imperador – sem deixar de tomar parte na vida regular da sociedade; em alguns dos acontecimentos sociais em que desejavam ou se viam obrigados a participar, eles se encontravam inseridos, algumas vezes contra sua vontade, nos ritos e cerimônias religiosos, e em “armadilhas infernais”<sup>42</sup> das quais não podiam escapar sem excluir-se da vida cotidiana. Como mencionado, na década de 250, essas perseguições foram agravadas, o Imperador Valeriano prossegue com essa política que seria, novamente, recuperada em 297, já sob o governo de Diocleciano.

Bayet destaca que entre o II e o III séculos, com maior intensidade, os cidadãos já estavam um tanto quanto alheios às celebrações oficiais e buscavam maior intimidade na relação com uma divindade.<sup>43</sup> Certamente, essa questão do cosmopolitismo religioso romano relaciona-se com a diversidade de concepções do sagrado, com o entendimento do público e do privado e com as relações sociais. O ambiente religioso desse momento foi marcado pela construção ideológica de um poder sobrenatural, resultado de especulações escatológicas, preocupações moralistas, doutrinas filosóficas, esforços para unir fé e conhecimento, relações entre culto e magia e confrontação entre humano e divino. Mas, também nesse período, é fortalecida a tendência henoteísta<sup>44</sup> de sobreposição de um deus sobre os demais.<sup>45</sup> Remonta a essa época, por exemplo, o fortalecimento do culto público ao deus Sol como símbolo de divindade suprema. A construção da identidade cristã está inserida nesse contexto de mudanças e transformações, mas acompanha os sistemas religiosos e a demanda de cultos encontrados no Império.

De acordo com Le Goff, “a imagem de Deus numa sociedade depende sem dúvida da natureza e do lugar de quem imagina Deus (...) tentamos apreender esses diferentes “Deus” em torno de alguns dados essenciais”<sup>46</sup>. Isso é essencial para perceber que as interfaces encontradas no cristianismo e no paganismo são frutos do momento vivenciado pelos habitantes do Império Romano, com suas peculiaridades políticas, culturais e, principalmente, religiosas, decorrentes de um momento de instabilidade e indefinições. A complexidade das relações sociais e a diversidade de sistemas religiosos no Império Romano destacam as questões de identidade e os conflitos que emergem da relação entre cristianismo e paganismo.

41 VEYNE, P. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 65.

42 GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano* (edição abreviada). São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.245.

43 BAYET, J. *La religión romana: historia política y psicológica*. Madrid: Ed. Cristandade, 1984.

44 Henoteísmo é o termo criado pelo orientalista Max Muller para designar a superioridade que uma divindade venerada diante de outras, sem com tudo que se negue a existência das demais. Cf. CROLLIUS, A. R. “Henoteísmo”. In: *Lexicon – Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003. Utiliza-se o termo na intenção de elucidar que o cristianismo antigo conviveu com diversas religiões e divindades sem negar a veracidade destas. No século III já é possível perceber a tendência à afirmação da supremacia do deus cristão sobre os demais e somente no século IV difundiu-se a afirmativa monoteísta do cristianismo de que o seu deus seria o único.

45 Cf. BAYET, *op.cit.*

46 LE GOFF, J. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.11.

---

---

## Desenvolvimento e consolidação da organização interna da Igreja

Quando Constantino concede liberdade de culto aos cristãos no século IV a Igreja já possuía uma complexidade organizacional: seus membros já se posicionavam em relação a diferentes temas, principalmente no que diz respeito à conduta moral e às regras disciplinares, além do mais a organização da hierarquia eclesiástica já era evidente.<sup>47</sup>

De acordo com Alesso, em virtude dos problemas internos, tais como, “as acusações de heresia, lutas pelo poder, perigos de cisma e controvérsias teológicas”<sup>48</sup> e também por causa dos ataques externos, já no século II, o cristianismo inicia seu processo de organização. Foi assim, que a literatura cristã, desenvolveu-se tanto no sentido educacional de manter a coesão interna, quanto no âmbito apologético de defender suas crenças diante do público externo. A sistematização e a apresentação das ideias cristãs se deram, nesse primeiro momento, de forma filosófica, em textos profundamente influenciados pela cultura da época.

Ao comentar a expansão da doutrina cristã, Brown indica que esse processo de conversão deve ser percebido através da construção de discursos evangelizadores variados que se adequavam a diferentes grupos sociais encontrados no Império e, principalmente, elaborados pela intelectualidade cristã. O surgimento dessa classe de intelectuais cristãos aliada aos escritos dos padres apologistas demonstra por um lado a expansão do cristianismo, e por outro, a organização dessas comunidades cristãs para defender a fé e conviver com a adversidade no Império.

No desenvolvimento da Igreja – o cristianismo institucionalizado – a organização e a capacidade de criação, renovação e adaptação foram fundamentais como mecanismos de coesão e sobrevivência. Nesse interim, a figura dos líderes considerados inspirados pelo poder divino foi essencial. Os escritos cristãos, nesse período, foram favorecidos pela própria noção de conversão, que pressupunha que esta é um processo contínuo e evolutivo perpetuando por toda a vida do indivíduo. Os escritos passavam a ter a função de ajudar os novos cristãos a se adaptarem a essa nova realidade, afastando-se das paixões humanas e aproximando-se mais de Deus.<sup>49</sup> Esses textos também favoreceram o posicionamento dos cristãos nas confrontações externas e nas relações sociais. A tradição apostólica<sup>50</sup> terá aqui um papel importante, nem todos os textos são reconhecidos como oficiais de acordo com os critérios estabelecidos pela Igreja. Assim, a autoridade de muitos escritores eclesiásticos residia na identificação e na reprodução de códigos pré-determinados institucionalmente.

A figura do bispo, que já possuía um papel de liderança em comunidades individuais urbanas (*ecclesia*), começa a sobressair cada vez mais, à medida que se tornam mais conturbadas as relações sociais entre os cristãos e os demais habitantes do Império e com a intensificação das perseguições, mas também por causa dos embates de poderes sociais e atuações locais.

O primeiro passo na organização do cristianismo foi a coordenação das comunidades cristãs, que logo passaram a ser chamadas de paróquias (comunidades de peregrinos), cuja reunião constituía uma província eclesiástica (eparquia) dirigida por um bispo. Os

---

47 Cf. BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990, p.41.

48 ALESSO, M. “Los géneros literarios en el primer cristianismo”. Universidad Nacional de La Pampa (Argentina), *Circe*, n.10, 2005- 2006, p.24.

49 Deve-se considerar que o uso desses textos era limitado e coletivo e favoreceu, especialmente, a elite cristã. 50 Fundamentada na sucessão ininterrupta de bispos que sucederam os primeiros apóstolos. Cf. WESTHELLE, V. “Igreja e Tradição: opções e obstruções ecumênicas”. *Estudos Teológicos*. v. 45, n. 2, p. 81-89, 2005. (Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2f\\_vwesthelle.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2f_vwesthelle.pdf)).

bispos das cidades de maior prestígio detinham mais autoridade (como era o caso de Roma, Alexandria e Antioquia), ratificada posteriormente pelo Concílio de Niceia.<sup>51</sup> Desde essa época – século II – esses bispos já se reuniam em sínodos, mas a escolha dos bispos contava com a participação da comunidade cristã através do “voto do clero, assentimento do povo e das autoridades”.<sup>52</sup> De acordo com os relatos de Eusébio de Cesareia<sup>53</sup>, os bispos coordenavam toda a vida da Igreja, presidindo celebrações de batismo, eucaristia e outras. O autor ainda indica haver um movimento que envolve essa liderança cristã, estabelecido através de correspondência e contatos pessoais mantidos entre esses bispos.

Se por um lado a organização hierárquica constituída pela Igreja se fortalecia e se espalhava pelo Império, sustentando e incentivando a expansão do cristianismo, por outro lado, o clero tornou-se monopolizador e intermediário oficial da relação com Deus e com o sagrado.

Nessa mesma perspectiva de fortalecimento da Igreja, desde o segundo século é intenso o trabalho da intelectualidade para tornar compatível a mensagem evangélica e o discurso bíblico com a situação vivenciada por diferentes extratos e grupos sociais do Império. Esse movimento salienta a influência de elementos da tradição cultural romana no cristianismo, o que implica, também, em transformações internas.

Ao iniciar o século IV a Igreja tem suas bases solidificadas no Império romano, expandindo seus limites, aumentando o número de adeptos, engajada socialmente, mas também em profundo diálogo com os poderes políticos e autoridades. E, na ânsia de que também a Igreja ocupasse seu posto de poder na sociedade romana, houve um esforço cada vez maior de melhorar a organização institucional e, à medida que isso ocorria, eram lançadas as condições estruturais que permitiram ao cristianismo se expandir cada vez mais.<sup>54</sup> O processo é dinâmico, o crescimento do cristianismo implica em maior organização institucional da Igreja, que por sua vez mantém e garante a propagação da mensagem do cristianismo.

A proliferação de bispados é um grande indício do crescimento do cristianismo. De acordo com Daniélou e Marrou, no quarto século, as sedes episcopais na península itálica multiplicam-se de cerca de cinco ou seis para quase cinquenta, e em todo o Império há cerca de mil e setecentos bispos.<sup>55</sup> Além do crescimento numérico, a estrutura eclesiástica passa a atuar em todas as províncias imperiais, criando raízes na sociedade romana.

Outro indicativo da organização institucional da Igreja é o desenvolvimento da liturgia, que por um lado contribui para a organização eclesiástica e, por outro, colabora para a manutenção da disciplina interna nas comunidades cristãs.<sup>56</sup>

A complexidade da organização eclesiástica ficou marcada nos concílios, na adoção das dioceses como marcos administrativos e em muitos outros âmbitos, mas a organização doutrinária e o discurso legitimador da autoridade da Igreja contribuíram decisivamente para marcar a institucionalização da ideia cristã como organismo do próprio Império romano.

51 Cf. MONDONI, D. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2006, p.70 -71.

52 *Idem*, p.71.

53 Eusébio nasceu em Alexandria e desenvolveu seus primeiros estudos com um doutor sacerdote de Antioquia. Como Bispo de Cesareia escreveu diversas obras sobre a formação das primeiras comunidades cristãs, além de obras como a *História Eclesiástica* que misturam trabalho historiográfico e expressão subjetiva da crença cristã, foi ainda biógrafo oficial e amigo do Imperador Constantino, de acordo com Carlan. CARLAN, C. U. “A política de Constantino e a formação do Império Romano do Oriente”. Porto Alegre, *Rev. Anos 90*, v. 16, n. 30, dez. 2009, p.64. (Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/18926>).

54 BROX, N. *Historia de la Iglesia Primitiva*. Barcelona: Herder, 1986, p.105-173.

55 DANIELLOU, J & MARROU, H. I. *Nova história da Igreja: Dos Primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1966, p.290-298.

56 BROX, *op.cit.*, p.140-143.

---

---

## A crise do Império, identidade e religiosidade tardo-antiga e a expansão cristã

“Sou um cidadão romano”<sup>57</sup> – tal expressão, utilizada por Cícero em seu discurso contra Verres, é paradigmática da noção de identidade no mundo romano. Vale lembrar que até mesmo Paulo de Tarso fazia questão de afirmá-lo.<sup>58</sup> A cidadania, para além de um conjunto de direitos, é uma identidade construída a partir de representações e práticas que os sujeitos articulam em suas relações sócio-históricas. A cidadania transcende a esfera política, possuindo também uma dimensão simbólica, que só pode ser compreendida na dimensão sociocultural, pois é nela que se encontram os elementos formadores do imaginário social sobre a cidadania.

A cidadania está inserida na essência da capacidade, que todas as sociedades apresentam através da história, de representar-se no universo simbólico, também chamado de imaginário social. A dimensão simbólica que cada sociedade constitui em torno da cidadania é resultado de movimentos sociais, pois nela são formulados os valores e comportamentos tidos como cabíveis ao cidadão.

Não há uma única definição para a cidadania, pois as representações para a identidade de cidadão são construídas no campo simbólico de cada sociedade. Interessante perceber que a identidade de cidadão muitas vezes transcende os diferentes grupos sociais e políticos existentes no interior de uma mesma sociedade, ainda que cada um esteja interessado em definir distintas identidades para o cidadão. Definir essa identidade do cidadão é estabelecer quais as representações e práticas sociais serão legítimas para o exercício da cidadania. É nesse sentido que a cidadania no mundo romano é uma identidade social formada a partir de representações e práticas. “A identidade romana deve, entretanto, ser compreendida como uma construção social, na medida em que passou por transformações, relacionadas à pluralidade de práticas culturais, acarretando contradições próprias aos circuitos culturais, a partir não apenas dos hábitos, mas das tensões e negociações advindas do viver, praticar e conceber em suas dimensões dinâmicas, históricas”.<sup>59</sup>

A relação entre ser cidadão e ser romano é um dos mais fortes elos de identidade que se pode notar no mundo romano. É uma relação profunda dada a complexidade do conceito de cidadão<sup>60</sup> na cultura romana e não simplesmente da identidade do indivíduo, bem como de sua transformação ao longo do tempo.

Ao adentrar o século IV, entretanto, essas relações entre identidade romana e cidadania estão abaladas em decorrência das sucessivas crises e do surgimento novas necessidades entre os habitantes do Império. As características culturais e consequentemente também as religiosas que marcam a Antiguidade Tardia são decorrentes da chamada “crise do III século”<sup>61</sup>, que assinala rupturas e transformações das estruturas clássicas, iniciando

---

57 CÍCERO, *In Verrem*, II, V, 162. (*Apud* FRAZEL, T. D. *The rhetoric of Cicero's "In Verrem"*. [s. l.]: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co., 2009, p.38-43)

58 *Atos dos Apóstolos* 16, 37 e 22, 27

59 BUSTAMANTE, R. “Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade” In: SILVA, G. V. & MENDES, N. M. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômicas, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.131.

60 Cf. SILVA & MENDES, *op.cit.*

61 Cf. ANDERSON, P. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Porto: Afrontamento, 1989.

a Antiguidade Tardia.<sup>62</sup> Como indicou Maier<sup>63</sup>, essa situação de crise e transformações produziu o que o autor chama de “shock” na mentalidade dos habitantes do Império, a sensibilidade religiosa tardo-antiga passa, exatamente, por esse momento. Dodds<sup>64</sup> corrobora essa visão, entendendo que foi um momento de angústia e insegurança para os habitantes do Império, acentuando as transformações em termos de religiosidade.

Estudos mais recentes como o de Frighetto<sup>65</sup> são importantes para sublinhar que a Antiguidade Tardia foi um período de identidade própria e ímpar, na qual ficam evidenciadas não só as estruturas políticas, como também as transformações – rupturas e continuidades – que marcaram a vida social do homem romano. Essa ideia já havia sido defendida também por Brown, para quem as mudanças ocorreram em todos os setores da sociedade romana. O autor afirma que entre os séculos II e VI “o mundo mediterrâneo passa por uma série de mudanças profundas que afetam os ritmos de vida, as sensibilidades morais e, simultaneamente, o sentimento do eu dos habitantes de suas cidades e dos campos adjacentes”.<sup>66</sup>

O período compreendido entre os séculos II e III representa o momento máximo de expansão do Império, mas também um período de acirrada crise militar e administrativa, em decorrência, principalmente, da epidemia de peste bubônica, da anarquia militar, das tentativas de invasões, dos fracassos militares e da decadência da escravidão.<sup>67</sup> Essa crise provocou mudanças nos âmbitos econômicos, religiosos e políticos, fazendo com que surgissem cada vez mais conflitos sociais que desequilibraram o Império, levando à sua desestabilização. A crise foi ampla, produzindo inquietações e transformações em diversas instâncias da população, gerando um recrudescimento em questões políticas e religiosas no Império. Essas transformações estruturais, também, colaboraram para o surgimento de novas instituições (sociais, econômicas, culturais e religiosas).

Em termos políticos, houve, ao longo do século III, um deslocamento do eixo do poder imperial. Gradativamente, os poderes regionais passavam a concorrer com o poder imperial. Ao mesmo tempo, ocorreu uma busca por elevação política e progressão social entre os generais do exército, apoiados em seus soldados.<sup>68</sup> Muitos generais das tropas começaram a usurpar o poder, o que foi possível devido ao momento de fragilidade vivenciado pelo Império, período conhecido como Anarquia Militar. Na concepção de Gonçalves, a Anarquia Militar (235-284) foi o “período no qual se externaram a força das legiões na imposição de Imperadores e a utilização de princípios divinos advindos de uma crescente influência oriental”. Entende-se ainda que “a nomenclatura de Anarquia se deve ao tempo curto de governo dos Imperadores deste período, e o adjetivo militar vem da necessidade de todos

62 Entende-se, tendo como ponto de partida os trabalhos de Henri Marrou e Peter Brown, que o período do século III até o fim do Império Romano possui características particulares que, portanto deveriam ser compreendidas a partir de um conceito próprio, sendo este Antiguidade Tardia, já que esse período se apresenta como toda sua originalidade e especificidade, chegando a ser mesmo outra antiguidade. Essa ideia também é compartilhada por Jacques Le Goff. MARROU, H. I. *Decadência romana ou Antiguidade Tardia?* Lisboa: Astor, 1979. BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990. LE GOFF, J. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

63 MAIER, F. *Las transformaciones del mundo mediterráneo*. Siglos III-VIII. Madrid: Siglo Veintiuno, 1972, p. 20.

64 DODDS, E. R. *Pagan and Christian in an age of anxiety*. Cambridge: At the University Press, 1965.

65 FRIGHETTO, R. *Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental*. Curitiba: Juruá, 2002.

66 BROWN, P. “Antiguidade Tardia”. In: VEYNE, P. (org.) *História da vida privada 1 – Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 226.

67 LOPEZ, R. *O Nascimento da Europa*. Lisboa: Cosmos, 1979; LOT, Ferdinand. *Fim do mundo antigo e início da Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1985.

68 Conforme indicou Anderson, “os generais vitoriosos, que podiam garantir as pilhagens de seus soldados ou os donativos por seu poder pessoal”. Assim, os soldados buscavam em seus generais uma espécie de reabilitação econômica, enquanto os generais se apoiavam nos soldados para ascenderem politicamente. Muitos desses generais eram provenientes de regiões externas à península itálica. ANDERSON, P. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. Porto: Afrontamento, 2007, p. 65.

---

---

demonstrarem ser bons combatentes e de terem sido escolhidos pelos legionários”.<sup>69</sup>

O panorama religioso, no período, também se caracterizou por conflitos e tensões, ocorrendo uma redefinição e uma intensificação dos parâmetros da experiência humana com o sagrado na sociedade romana.<sup>70</sup> Durante o século III o cristianismo já dispunha de uma estrutura organizada de captação de recursos e mecanismos de coesão e integração, talvez por esse motivo, tenha sido visto pelos romanos como uma das principais causas da crise do Império. Enquanto as associações pagãs estavam divididas em numerosas células locais, os cristãos apresentavam-se como um grupo relativamente homogêneo<sup>71</sup> e em busca de unificação, o que conferia a estes enorme força.<sup>72</sup>

A religiosidade que se manifesta nesse período de crise não é resultado da introdução de novos elementos, mas sim da irrupção e redistribuição de elementos já presentes na cultura romana.<sup>73</sup> Tanto que o próprio cristianismo passou pelo esforço de adaptar sua mensagem a esses elementos já existentes no seio da sociedade romana. A originalidade da religiosidade tardo-antiga reside, portanto, na organização desses elementos de forma diferente e, até mesmo, divergente da religiosidade clássica; e na nova conjuntura histórica, a própria Antiguidade Tardia, que conjuga inovações nas estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. Entretanto, não é possível julgar as transformações na religiosidade do período como mera consequência das dificuldades políticas, econômicas, sociais e militares vivenciadas no mundo romano, deve-se também reconhecer suas motivações nos próprios movimentos religiosos que há muito tempo faziam parte da vida dos indivíduos.

Assim, alguns elementos da religiosidade tardo-antiga romana devem ser analisados. Dentre os quais: o aumento de importância atribuída aos problemas religiosos (que não era exclusividade dos cristãos); o desenvolvimento da crença no sobrenatural e sua interferência na vida dos homens e a noção da divindade que passa a ser única ou, pelo menos, hegemônica.

O primeiro elemento que constitui essa religiosidade é o papel de destaque assumido por questões relativas à religião na sociedade romana. As discussões religiosas não se restringiam a grupos de intelectuais, mas se estendiam aos indivíduos comuns como uma prática cotidiana e corriqueira, a ideia é que todos deveriam se posicionar com relação à elas. Além disso, é a religião que passa a fornecer a linguagem comum para as discussões em sociedade, sendo o bispo a principal figura encarregada de intermediar discussões e conflitos.<sup>74</sup>

A preocupação com as questões religiosas não está limitada aos cristãos (que certamente se destacavam por seus embates doutrinários com os grupos heréticos), os pagãos também estavam imersos nas mesmas preocupações, já que o ambiente religioso era o mesmo para ambos. De acordo com Marrou, “a diferença entre pagãos e cristãos da Antiguidade Tardia estava na verdade de suas respectivas eleições, mas há coincidências na atitude diante da concepção geral da vida, do homem e do mundo”.<sup>75</sup>

---

69 GONÇALVES, A. T. M. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, G.V. & MENDES, N. M. (org.). *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômicas, político e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.186.

70 SILVA, G. V. *Religião e pensamento político no mundo antigo: entre a tradição clássica e a cristã*. Vitória: PPGHIS; UFES, 2005.

71 Contudo, não se pode perder de vista que, ao longo do século III a ortodoxia da Igreja era apenas uma das várias formas de cristianismo. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p.69.

72 BROWN, *op.cit.*, p. 260; BROWN, P. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p.48.

73 Cf. CRUZ, M. “Religiosidade tardo antiga e a cristianização do Império”. *Dourados, Fronteiras*, v. 12, n. 21, jan./jun. 2010, p.13-31.

74 *Idem*.

75 MARROU, H. I. *Decadência romana ou Antiguidade Tardia?* Lisboa: Astor, 1979, p.45.

Por outro lado, constitui a religiosidade tardo-antiga o crescimento da crença no sobrenatural, principalmente no que dizia respeito à busca de orientação e ajuda; vale ressaltar o momento de incertezas vivenciado pelos indivíduos do período. A preocupação com a salvação, ou a vida após a morte, adquire maior relevância. Os indivíduos da Antiguidade Tardia se percebem como “servos de deus”, em uma luta constante entre bem e mal, daí a ampliação da noção de pecado – que engloba errar ou ceder às forças do mal – e do imaginário sobre demônios<sup>76</sup>. Brown afirma que “daqui a revelação crucial destes dois séculos (III e IV séculos): o aparecimento dos demônios, forças ativas do mal, contra as quais os homens tinham que lutar”.<sup>77</sup>

Na perspectiva de Brown, as estruturas e crenças religiosas do período refletem as estruturas do “mundo terreno”, reproduzindo relações sociais e modelos de dominação e de poder vividos no Império Romano<sup>78</sup>, ao mesmo tempo, as estruturas sobrenaturais legitimam as estruturas terrenas.

Por fim, encontra-se como constitutivo dessa religiosidade a atribuição de hegemonia à divindade. Deus passa a ser visto como único, onipotente, onipresente, eterno e, principalmente, um Deus que mantém uma relação íntima e pessoal com cada indivíduo, inspirando adoração a ele como soberano e sentimentos de amor e misericórdia.<sup>79</sup> Isso não significa o fim do politeísmo entre os meios pagãos tradicionais, mas evidencia a penetração do monoteísmo a partir de duas correntes: a assimilação (a existência de um mesmo e único deus que está em todas as partes) e a hierarquização (estabelecimento de uma ordem hierárquica entre as diversas divindades, a fim de que todas se subordinem ao deus supremo).

A reunião desses elementos constitui a religiosidade tardo-antiga, sendo comum a diferentes doutrinas, seitas e igrejas do período. Entretanto, não se pode perder de vista que o cristianismo foi, de certa forma, favorecido por essa estrutura que estava em estreita sintonia com sua doutrina e seus preceitos. Mas também se deve compreender que essa estrutura isoladamente não explica a consolidação da identidade cristã e a cristianização da sociedade romana.

“A situação da Igreja no IV século demonstra que o cristianismo já havia penetrado tão profundamente na sociedade tardo antiga romana, encontrando-se fortemente enraizado nesta estrutura social, que a violência, contra ela na forma das antigas perseguições, não seria mais capaz de resolver o problema da relação da religião cristã e o estado romano, ou seja, esta problemática teria de ser colocada em outros termos, o que ocorrerá com as medidas de tolerância e a liberdade de culto emanadas dos Imperadores.”<sup>80</sup>

O cristianismo vivencia nesse momento, também, uma expansão social, estabelecendo-se nas camadas mais altas da sociedade romana, entre magistrados, governadores, na corte imperial e entre familiares de Imperadores, até chegar ao próprio Imperador Constantino.

### Considerações Finais

Ao longo dos três primeiros séculos a diversidade no cristianismo era imensa, o que nos leva a destacar a existência de diferentes cristianismos ou correntes cristãs e de variadas identidades cristãs. Apesar disso, é possível reconhecer ao longo da história cristã as tentativas

76 O contato com o imaginário religioso pagão parece intensificar essas percepções, mas esse imaginário já aparecia nos primórdios do cristianismo, estando presente, inclusive, em textos bíblicos.

77 BROWN, P. *O fim do mundo antigo. De Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Verbo, 1972, p.34.

78 *Idem*, p.18-19.

79 MARROU, *op.cit.*, p.29-52.

80 CRUZ, *op.cit.*, p. 306.

---

---

de conciliação das diferentes correntes e o esforço principal de diferenciar os cristãos dos pagãos. Nessa linha, uma corrente da identidade cristã sobressai e passou a ser reforçada. A disseminação e o fortalecimento dessa identidade cristã nesse contexto relacionam-se à existência de uma religiosidade tar-do-antiga, resultado da reorganização de elementos culturais romanos.

Essa religiosidade tar-do-antiga caracterizou-se pelo aumento da importância atribuída aos problemas religiosos; pelo desenvolvimento da crença no sobrenatural e sua interferência na vida dos homens e pela noção da divindade que passa a ser única ou, pelo menos, hegemônica. Dessas características apenas a última relaciona-se mais diretamente com o desenvolvimento do cristianismo, as demais estão em interação com diversas religiões e cultos encontrados no Império Romano. Assim, para além das rivalidades, é possível perceber diferentes interfaces entre o cristianismo e o paganismo, que conduziram ao aparecimento dessa religiosidade tar-do-antiga.

Ao longo do século IV algumas dessas transformações se confirmaram e outras foram reorientadas, assim, emergia paulatinamente um universo político-religioso próprio da Antiguidade Tardia. O cristianismo progressivamente deixava sua condição marginalizada para associar-se ao poder imperial e, apesar da permanência, o paganismo passa a ser visto com certa inferioridade. A ascensão de Constantino como Imperador relaciona-se com a alteração desse panorama político-religioso, mas diversas outras conjunturas contribuíram nesse sentido.

Além de ser beneficiada pela existência de uma religiosidade tar-do-antiga, a expansão do cristianismo também se favoreceu do desenvolvimento de sua organização hierárquico-eclesiástica. Nesse âmbito, a passagem da diversidade de correntes cristãs à afirmação de uma identidade cristã conduziu à formação de um cristianismo institucionalizado, a Igreja.